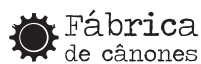


COMO QUE ME DESPREGO
DAS PAREDES DA CASA
E SAIO PRA TE ENCONTRAR

COMO QUE ME DESPREGO
DAS PAREDES DA CASA
E SAIO PRA TE ENCONTRAR

VIVIANE TRICERRI ANDRÉ



Copyright © Fábrica de cânones, 2022

Como que me desprego das paredes da casa e saio pra te encontrar

© Viviane Tricerri André, 2022

Editor

Eduardo Guimarães

Revisor

Guilherme Sakai

Ilustração da capa

Viviane Tricerri André

Projeto gráfico

Viviane Tricerri André

Regina Dantas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A555 André, Viviane Tricerri
Como que me desprego das paredes da casa e saio pra te encontrar
/ Viviane Tricerri André -- São Paulo : Fábrica de cânones, 2022.
140 p.
ISBN 978-65-996462-8-7
1. Poesia brasileira I. Título

CDD 869.91

(Ana Paula Cechinel CRB-8/9062)

Fábrica de cânones

R. Professor Miguel Milano, 80, Vl. Mariana

CEP: 04012-010, São Paulo - SP - Brasil

Tel: (11) 98338-2314

@fabricadecanones

fabricadecanones.com.br

Para Alvaro e Flora

ABAIXO DA CROSTA

**Sismos; Placas Tectônicas rangendo
roem-se**

tento form-atar / conformar-me
nestas caixas de trancar / atarraxo
meu corpo curvo à barra de aço
[corrige descarrilhamento moral]
cansada do colete atrelando-me as
costas [para que se sustente o ser
adequado] afivelo a coleira de f-
erro/enfio-me nos apertosparafusos
/ envio-te o fantoche, mundo! /
vasto mundo onde me escondo

Odor de urina, úmidas peles.
Oca
fenda onde me perco –
a gruta.

pequeno pedaço de pele
cansei de olhar com vergonha
levanto e puxo, ou puxo, ou levanto a pele mole
rubra
úmida feia suja

tento tirar de mim
o corpo de mulher
as vestes, já escondi
e ainda há flor

tento tirar
o corpo a desejar
a fêmea
a desejar

tento tirar seios belos, largas passadas sentindo meu sexo
[roçar

tento tirar o cheiro de cio
a boca rosada
a boca encarnada

eu
estrangeira em meu corpo

me dói, na hora do gozo
o gozo
não no meio das pernas
muito menos ao fundo

não

me dói a cara torcida, o corpo em frêmitos, o som
[espasmado, gutural
me dói não me reconhecer neste som
meu
eu mesma extasiada

dói o som do gozo meu em meus puritanos ouvidos
já no meio do êxtase, ouço
e brocho

acho feio.
acho feio gritar de prazer

um ahhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh

acho feio.

como você é pudica, diz a mãe
e sinto-me mais velha que ela

desenrolo
laçada a laçada
a sufocante extensão de um chicote empunhado por mãos
[alheias

/brotam outros, a enroscar-me o pescoço desnudo

/então me retorço
e pontas de tantos chicotes enrolam-se a mim de novo

não sou mais eu
sou do outro

tenho sensíveis as pontas dos dedos
ainda as tenho
para tentar, se quiser
desenrolar um a um
chicote a chicote todos os fios que emaranham
amarram meu corpo,
meu ser

ainda as tenho
a postos

se quiser

prostra-me em vida
empurra de volta pra dentro todo desejo do corpo
a chama
todo prazer prometido

fecha vaginas
tranca vulvas
apaga o fogo a bruscas cadaçadas

endireito-me
ao olhar do outro

São meus ovários locais de dor?
Trancafiadas as trompas, acadarçadas as danças,
[apodrecidos os ovos que não puderam nascer.
Terão meus ovários se tornado masmorra?
Prisão.
A fonte lacrada
Obstruída a saída
Será por isso, dali brotam manadas,
matilhas de crias,
centelhas germinam?
Será por isso as incontroláveis fontes que no descontrole
[assusto reteso no plexo retenho meu ar?
Dali, de onde brotam as ovas, brota também meu pavor.
Se me soltar abandono?
Se desatar enlouqueço?
Desamarrar calabouço!
Grampo nas trompas, infecciono por dentro.
Podres ovos emprenham-me insanidade
deles
rompem dores milenares encarnadas vidaavidaaVidávida

Quando me obstruíram as crias
enlouqueci.

form-
atar
o olhar do outro
for[mata]me